

REPATRIAÇÃO / Governo reúne elementos para exigir explicações da administração Trump sobre os relatos de agressões no voo de retorno dos deportados — que, além da violência, denunciaram a má condição da aeronave na qual voltaram

Brasil cobra EUA por maus-tratos

» DANANDRA ROCHA

O governo federal exigirá da administração de Donald Trump explicações sobre os relatos de maus-tratos aos brasileiros repatriados por entrarem ilegalmente nos Estados Unidos, que chegaram na noite de sábado ao Aeroporto Internacional de Belo Horizonte, em Confins, na Região Metropolitana da capital mineira. Segundo o Ministério das Relações Exteriores (MRE), o grupo foi submetido a “tratamento degradante” e “inaceitável” — os deportados desembarcaram em Manaus algemados e com os pés acorentados.

As informações foram reunidas pelo MRE, pela Polícia Federal (PF) e pela Aeronáutica. As agressões aos repatriados configuram violação dos termos do acordo firmado entre Brasil e EUA, em 2018, para a devolução de brasileiros que sejam presos por entrarem ilegalmente em território norte-americano.

No sábado, o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, reuniu-se com o delegado federal Sávio Pinzón, superintendente interino da PF no Amazonas, e com o major-brigadeiro Ramiro Pinheiro, comandante do 7º

Reprodução/Estado de Minas



Kalebe disse que o avião que o trazia teve de pousar no Panamá por problemas técnicos: “Nunca vi isso”

Comando Aéreo Regional. Nesse encontro, “foi efetuado relato detalhado sobre os incidentes”, segundo o MRE. O encontro subsidiará o pedido de explicações ao governo norte-americano.

De acordo com o MRE, a aeronave fretada pelo governo dos EUA para a deportação apresentava problemas técnicos, como “pane no ar-condicionado”. Há relatos, também, de agressões com chutes e sufocamentos por

“mata-leão” por parte dos seguranças contratados para acompanhar os repatriados.

A ministra dos Direitos Humanos, Macaé Evaristo, expressou a indignação do governo em vídeo divulgado nas redes sociais do presidente Luiz Inácio Lula da Silva: “Não podemos suportar a violação dos direitos humanos. O que aconteceu nesse voo foi uma violação aos direitos dos brasileiros”, afirmou.

Reprodução/Instagram do presidente Lula



Repatriados desembarcam em Confins. Alguns afirmaram que foram ameaçados de morte pelos seguranças do voo

O superintendente da PF em Minas Gerais, Ricardo Murad Macedo, também se pronunciou sobre o caso: “Fizemos todos os procedimentos de forma célere e buscando preservar ao máximo a dignidade desses cidadãos”, relatou.

No sábado, o ministro da Justiça e Segurança Pública, Ricardo Lewandowski, considerou inaceitável que os deportados tivessem sido presos pelos pés e pelas mãos durante o voo — classificou a

situação como um “flagrante desrespeito aos direitos fundamentais dos cidadãos brasileiros”. A situação foi a ele comunicada pelo diretor-geral da PF Andrei Rodrigues. Em Manaus, os agentes federais determinaram aos representantes do governo norte-americano a imediata retirada das algemas.

O presidente do Congresso, senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG), também se manifestou e afirmou preocupação com o

tratamento do governo dos EUA aos brasileiros. “A decisão por um novo procedimento na política de imigração, que é um direito assegurado a todos os países, não pode vender nossos olhos diante de situações degradantes e denúncias de agressões e maus-tratos. O respeito à dignidade humana é um conceito consagrado em um mundo civilizado e democrático”, salientou. **(Com Agência Estado)**

Reprodução/Instagram do presidente Lula



Na sacola recebida na escala feita em Manaus, os poucos pertences de quem foi trazido de volta a contragosto

Desconforto, ameaças e humilhações na viagem

» MARIANA COSTA
» THIAGO BONNA

Os brasileiros deportados dos Estados Unidos relataram, logo depois de desembarcarem no Aeroporto de Confins, que a aeronave disponibilizada pelo governo norte-americano estava em condições precárias. Eles foram levados para Belo Horizonte por um jato da Força Aérea Brasileira (FAB), que os pegou em Manaus — onde o avião que os trouxera dos EUA teve de descer por problemas técnicos.

O goiano Kalebe Barbosa Maia, de 28 anos, estava há seis anos nos Estados Unidos e foi preso há seis meses. “Foi uma viagem muito difícil até chegar aqui, ao Brasil. Fomos muito humilhados pela imigração americana. Trataram a gente muito mal. (O jato) parou no Panamá. Teve problemas técnicos, teve que viajar com um mecânico dentro do avião. O ar-condicionado estragou. A turbina do avião falhando. As condições eram precárias. Foi um momento desesperador”, disse, acrescentando que o grupo foi mal alimentado — ao contrário dos seguranças e tripulantes.

Carlos Vinícius de Jesus, de 29 anos, de Vespasiano (MG), ressaltou que “o pessoal de Manaus é que recebeu a gente bem e acolheu. Eu



Foi uma viagem muito difícil até chegar aqui, ao Brasil. Fomos muito humilhados pela imigração americana. Trataram a gente muito mal. (O jato) parou no Panamá. Teve problemas técnicos, teve que viajar com um mecânico dentro do avião”

Kalebe Barbosa Maia, 28 anos

teve que subir em cima da asa para pedir socorro. Os americanos são hipócritas. Eles me falaram: ‘Que se dane seu governo. Se a gente quiser, fecha a porta da aeronave, desce e mata vocês’. Foi o que eles falaram”.

Motim a bordo

O curitibano Mário Henrique Andrade Matheus, de 41 anos, tinha marcas vermelhas nos pulsos



Nós sem ar-condicionado, com pessoas desmaiando dentro do avião. Eles agrediram alguns dos meninos. Quando chegamos a Manaus, aconteceu a mesma coisa. Ficamos sem ar condicionado e tudo trancado. As crianças passando mal, e os agentes não queriam deixar sair”

Mário Henrique Matheus, de 41 anos

que, segundo relatou, foram caudadas pelo agentes de imigração norte-americanos que os acompanharam. Ele afirmou que, ao chegarem ao Amazonas, os oficiais dos EUA não quiseram deixá-los desembarcar, apesar de o ar-condicionado estar desligado.

Isso fez com que passageiros, entre eles mulheres e crianças, passassem mal, e que outras pessoas que estavam sendo



O pessoal de Manaus é que recebeu a gente bem e acolheu. Eu tive que subir em cima da asa para pedir socorro. Os americanos são hipócritas. Eles me falaram: ‘Que se dane seu governo. Se a gente quiser, fecha a porta da aeronave, desce e mata vocês”

Carlos Vinícius de Jesus, de 29 anos

deportadas começassem a se rebelar ante a situação. A indignação teria sido respondida pelos estrangeiros com socos e chutes.

“Nós sem ar-condicionado, com pessoas desmaiando dentro do avião, fizemos força para sair. Eles agrediram alguns dos meninos. Ai, todo mundo ficou quieto. Quando chegou a Manaus, aconteceu a mesma coisa. A aeronave parou de funcionar e ficamos sem



Foi a pior coisa que passei na vida. Tive medo de morrer. Foi uma tentativa de assassinato que aconteceu conosco. Tenho diabetes, que desenvolvi por má alimentação e por não ter tratamento na prisão. Ninguém ajuda a conseguir emprego ou a regularizar a situação”

Aelinton Cândido, de 43 anos

ar condicionado e tudo trancado. As crianças passando mal, os meninos falando para tirá-las, botar para fora para receberem o auxílio necessário. Mas os agentes dos Estados Unidos não queriam deixar a gente sair”, narrou.

O mineiro Matheus Lopes, de 23 anos, relatou dificuldades para ir ao banheiro durante o voo por causa das algemas. “Braço, barriga, perna. Eles não

tiravam a algema nem para a gente ir ao banheiro”, desabafa. Segundo os brasileiros, as mãos estavam algemadas, os pés acorentados e ainda havia outra algema na cintura.

O vigilante Jefferson Maia, de 26, natural de Ji Paraná (RO), foi preso na fronteira com o México e, no voo, disse que foi agredido por agentes — mostrou um braço inchado para confirmar a acusação. O vigilante relatou que os brasileiros forçaram a saída de emergência da aeronave e foram para uma das asas pedir socorro porque, dentro do avião sem ar condicionado, a situação era insuportável.

O carpinteiro Aelinton Cândido, de 43, de Divinópolis (MG), trabalhava na construção civil em Nova York. Sobre a viagem de volta ao Brasil, foi enfático. “Foi a pior coisa que passei na vida. Tive medo de morrer. Foi uma tentativa de assassinato o que aconteceu conosco. Tenho diabetes, que desenvolvi por má alimentação e por não ter tratamento na prisão. Ninguém te ajuda a conseguir emprego ou a regularizar sua situação”, disse.

Passageiros afirmaram que, em solo brasileiro, os agentes quiseram tirar as algemas antes de os policiais federais entrarem no jato para disfarçar a situação em que eram transportados.



ROBERTO BRANT

EM LUGAR DA MEDIAÇÃO DOS PARTIDOS, SURGIRAM AS PLATAFORMAS, QUE CAPTURAM E ADMINISTRAM, QUANDO NÃO MANIPULAM, A ATENÇÃO DAS PESSOAS. HOJE, A SUBSTÂNCIA FUNDAMENTAL DO PODER POLÍTICO NÃO É MAIS A POLÍTICA, MAS O DOMÍNIO DA ATENÇÃO

A democracia pode estar morrendo

A democracia tem estado em crise em toda a parte. A causas dessa crise não são superficiais. São de duas naturezas, uma fiscal e outra relacionada à forma que a vida cívica tomou com o advento das redes sociais. A democracia, com a exceção dos Estados Unidos, é uma forma de governo que só se tornou dominante há pouco tempo. Os EUA, desde sua independência da Inglaterra, há 250 anos, escolheu ser uma república democrática e manteve suas instituições basicamente inalteradas todo esse tempo, apesar de uma guerra civil e de

uma grande depressão econômica. Foi, sem dúvida, o território onde a democracia fincou mais fundo suas raízes.

Nos demais países, a democracia sempre viveu altos e baixos, sendo, muitas vezes, interrompida por regimes autocráticos, brutais e selvagens, seja na Europa, no restante das Américas e na Ásia. O momento de ouro dessas democracias começou há meros 75 anos, logo após a Segunda Guerra Mundial. Logo que se recuperaram dos efeitos do conflito, a maioria das nações do lado ocidental experimentou

um longo período de crescimento, que financiou o chamado “estado de bem-estar social”, com a expansão das proteções sociais na saúde, na educação e na previdência. Como diziam os americanos: nada sucede tão bem quanto o sucesso.

Os governos acabaram se excedendo e, em toda parte, o dinheiro público tornou-se escasso e os impostos não davam mais conta das despesas. Os governos, então, começaram a se endividar, até que a um certo ponto o próprio endividamento passou dos limites.

Com a necessidade de cortar despesas e benefícios para equilibrar as contas, os governos democráticos começaram a perder a lealdade dos eleitores. Com o fim do dinheiro público fácil, o “estado de bem-estar” começou a fazer água e a democracia

deixou de ser a unanimidade que fora até então.

Nesse mesmo momento, a evolução das tecnologias da informação propiciou a criação das redes sociais, que mudaram radicalmente a forma como as pessoas se relacionam entre si, se relacionam com a autoridade política e como acessam informações e opiniões. Em lugar da mediação dos partidos, surgiram as plataformas, que capturam e administram, quando não manipulam, a atenção das pessoas. Hoje, a substância fundamental do poder político não é mais a política, mas o domínio da atenção, na frase do jornalista americano Ezra Klein.

Nesse mundo tudo pode acontecer. Não há mais lealdade a valores, normas ou até mesmo visões mais amplas do mundo. Tudo fica reduzido a emoções superficiais e a vida política se transfere

para as mãos impessoais da tecnologia e de seus czares.

Esse novo estado de coisas já estava mudando a política na Europa e na América Latina. Agora, chegou aos EUA com toda a força da sua irracionalidade, rompendo a última das defesas com que ainda contava a democracia.

Com o apagamento da política e dos partidos, abriu-se o caminho para a aventura do poder pessoal, que dialoga com os instintos mais primitivos das pessoas. Nesse clima, nasceu o novo governo Trump. Sua meta explícita é a desconstrução das instituições da democracia americana, as mesmas que duraram mais de dois séculos e trouxeram o país, até aqui, como a nação mais rica, mais poderosa e mais criativa da terra. Apesar de todas as evidências, Trump e suas redes convenceram a metade dos

americanos que essas instituições levaram o país ao declínio e à desordem, realidades puramente imaginárias, e prometeu a eles uma era de ouro.

Para coroar a obra desconstrutiva, proclamou a hostilidade aos estrangeiros e a todos os outros países, dizendo a aliados e a adversários que a América, agora, estará sempre em primeiro lugar e acima de todos, prometendo pôr fim à ordem internacional baseada em regras, que os próprios EUA ajudaram a construir.

Quem vai querer relacionar-se com este país, senão para fugir dele, evitá-lo e procurar uma alternativa possível?

A democracia americana está por um fio. Se a democracia morrer na América, poderá sobreviver em outros lugares? Estaremos também condenados ao mesmo destino?